

NOÇOKÉN E O “PARAÍSO” DE FERREIRA DE CASTRO: CONTRASTES DA AMAZÔNIA

Monica Simas

Todo o drama humano, qualquer que seja a sua causa, mesmo a mais estranha, é susceptível de interessar o leitor de qualquer recanto da Terra, desde que o romance, pelo seu poder sugestivo, consiga transportá-lo e integrá-lo na mesma atmosfera e nas mesmas circunstâncias em que reagem as personagens literárias. Todo o leitor pode transmutar-se moralmente, esquecer os seus hábitos, o seu mundo habitual, e viver, enquanto lê, uma personalidade muito diferente da sua, sentindo a sua tragédia e interessando-se, apaixonadamente, por todos os pormenores, mesmo os mais insignificantes, dessa outra vida que ele ignorava completamente antes de abrir o livro.

(Ferreira de Castro – “Eça de Queirós é um escritor universal?”)

A citação de Ferreira de Castro remete-nos à função comunicativa da literatura, sendo a sua decifração um caminho complementar no qual o *outro* exerce impreterivelmente uma força de atração. Transmutar-se, envolver-se, enredar-se, ou ainda, perder-se são passos que cruzam ficção e realidade na compreensão das ações humanas no mundo. Em tempos imemoriais, os deslocamentos dos homens abraçavam já o encontro com a diferença. Na época dos descobrimentos, nos séculos XV e XVI, diante do novo, os navegadores espantaram-se, foram receptivos e também refratários, ingênuos ou violentos, mas tanto na dor quanto no sublime, revelaram a vulnerabilidade de ser a subjetividade humana algo além do imaginado, desocultando-nos em complexa trama. K. David Jackson, em *Os construtores dos oceanos* (1987, p. 15), afirmou que “as viagens alteraram fronteiras físicas e geográficas, indo os viajantes portugueses, literal e metaforicamente, para além de si-mesmos, em direção a um estado de alteridade,” [...] e, além disso, também afirmou que “o mar é o espaço simbólico para a

transformação e a reinvenção do ser, palco para as aventuras humanas mais genéricas e arquetípicas, matéria de que são feitos os grandes mitos”.

A literatura, as viagens, o mar parecem apontar para um horizonte que se vai construindo indefinidamente na história dos homens e, talvez, por isso Walter Benjamin (Cf. 1993, p.197-221) tenha elegido o *marinheiro comerciante* como uma das figuras matriciais da arte de narrar, portadora que era da experiência *outra*. O filósofo percebia que a arte de narrar, no sentido de comunicar a experiência, estava definhando em detrimento à arte de relatar vivências, ou seja, em detrimento aos relatos baseados naquelas impressões mais imediatas que não são acumuladas na memória de forma voluntária e que, portanto, não implicam um resgate da tradição. Segundo o seu pensamento, a compreensão sobre a arte de narrar deveria levar em conta a interpenetração desse tipo matricial com um outro, o *camponês sedentário*, mas, de qualquer forma, o mundo da modernidade estava, para ele, mais pobre em experiência comunicável.

Atualmente, a maneira de se perceber o tempo presente parece reivindicar descontinuidades e desigualdades, desarticulando ainda mais a experiência como possível mediadora de um passado que se estende ao futuro. Para Homi Bhabha (1998, p.19-42), o *estranhamento* tornou-se presente, isto é, tanto no tempo do agora como também em um local limiar que clama pelo(s) reconhecimento(s) do(s) diferente(s). Essa condição de estar além e que corresponde, de alguma forma, à antiga experiência extraterritorial, manifesta-se num estar entre, alterando inclusive a nossa percepção de uma distinção clara entre os espaços público e privado, o nacional e o transnacional ou ainda o local e o global. Além das vivências plurais que o cotidiano nos proporciona por conta da *disseminação*¹ dos povos, os novos suportes de

¹ Este termo refere-se às discussões propostas por Homi Bhabha em “DissemiNação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”, em *O local da cultura*, UFMG, 1998, e ao seu diálogo com Jacques Derrida.

comunicação propõem a expansão dos modos de navegações, tornando o além paradoxalmente cada vez mais inalcançável e próximo.

Lançando um olhar para a Amazônia, nas intrincadas redes escriturais e pós-escriturais, durante os últimos seis meses, um interessado leitor ou “buscador” poderia deparar-se com quadros estatísticos de instituições oficiais, que apontam para a sua diversidade étnica e cultural, imagens exuberantes da fauna e da flora, caracterizações geográficas e geológicas, curiosidades científicas, projetos megalômanos de estradas rodoviárias, projetos agrários, ecológicos, comunitários, festas populares, descrições das vidas dos caboclos, além de inúmeras reivindicações dos sem-terra, dos seringueiros e das comunidades indígenas. Um corpus informacional tão vasto que desafia qualquer possível inteligibilidade. Como processar, por exemplo, informações sobre as várias lutas indígenas para preservação das suas culturas e sobre os subornos que alguns caciques têm cobrado para exploração de suas reservas, revertendo o dinheiro em carros importados? Como compreender os conflitos entre diferentes identidades culturais que reclamam soberanamente a assimilação e os investimentos sociais? Mesmo deslizando por idiossincráticas vias, fica claro que a Amazônia exerce uma influência apoteótica sobre o imaginário brasileiro, principalmente no que concerne à identidade nacional. Não fosse assim e não teria havido uma verdadeira síncope virtual depois de falsamente ter sido divulgado que livros de escolas americanas teriam situado a Amazônia fora das nossas fronteiras nacionais. A falsa informação circulou como uma notícia bomba, detonando nos *chats* mundo afora uma tempestade de julgamentos acerca da sua importância para o destino nacional. Da repercussão do não acontecido às discussões oficiais promovidas por organismos internacionais e nacionais, acerca das potencialidades da região, ecoam sinais que fertilizam ainda mais o campo das sugestões para a sua possível configuração. Excesso de opiniões para se definir um local que parece estar no limite do imponderável. E, talvez, seja mais plausível que, para comunicar algo

sobre esse outro, seja necessário primeiro pôr em dúvida os alicerces que sustentam qualquer presunção e arriscar-se à desconcertante experiência de desenraizamento. Esta, transformada em um poderoso fio narrativo, no romance *A selva* (34 ed., 1982)², do escritor português Ferreira de Castro, pode apresentar-se como uma iniciação rumo a esse desconhecido/desconhecimento. O romance, publicado nos anos 30 do século XX, foi traduzido em dezesseis países, fazendo com que a Amazônia aparecesse para o mundo no drama urgente dos imigrantes nordestinos que tentavam fugir à miséria. A luta de caboclos, de índios e de seringueiros, que teriam um destaque tardio na imprensa brasileira, ecoando nos testemunhos do ambientalista Chico Mendes, na década de 80, já se emaranhavam na narrativa de Ferreira de Castro.

Ao centrar a narrativa do livro na trajetória da personagem Alberto, um português monárquico que, por ter participado de uma revolta contra a república em Portugal, no início do século XX, teve que se exilar, indo parar na casa de um tio em Belém do Pará, no Brasil, e depois, devido a dificuldades econômicas, migrar para o seringal “Paraíso”, na selva amazônica, o escritor cria um percurso de desestruturação de uma visão política conservadora, aristocrática e unificadora através da confrontação dos antagonismos que a selva exhibirá.

Noçokén e o “Paraíso”

A caminho do “Paraíso”, embarcado no navio “Justo Chermont”, Alberto sente que não poderia, apesar de tão próxima, vislumbrar a selva em sua profundidade, “um mundo em germinação fabulosa, alucinante, desordenada, negando hoje os princípios estabelecidos ontem, afirmando amanhã uma realidade que ninguém ousaria antever” (p.52). Essa selva que, em um primeiro momento, a personagem só pode ver pelas bordas, de maneira ex-cêntrica, carrega a marca da invisibilidade como um iceberg, que só pode ser visto na real dimensão através do ato

²

Todas as citações do romance respeitam esta edição e serão indicadas apenas com o número da página.

de imersão. O título deste trabalho é uma alusão a essa natureza invisível da floresta, contrapondo os sentidos imaginários aos quais tal movimento pode corresponder.

Antigamente, segundo uma das inúmeras lendas tupinambá, conta-se que os deuses e os filhos dos deuses vinham conviver com terráqueos na floresta. Segundo Teresa Cristina C. G. Fritsch (2000, p.6), ‘*Noçokém* é o paraíso [...] é a floresta encantada, que ficou invisível, e somente os pajés e poderosos conseguem transpô-la para obter ensinamentos e remédios’. Essa floresta maravilhosa permanecerá invisível na obra de Ferreira de Castro tanto quanto as imagens edênicas que povoam muitas das narrativas da Amazônia. O escritor, interessado em dar visibilidade à vida dos terráqueos, procura denunciar uma outra invisibilidade – a dos excluídos política e socialmente.

Em *Emigrantes*, romance publicado dois anos antes de *A Selva*, em 1928, Ferreira de Castro referia-se a si próprio nos seguintes termos:

Biógrafos que somos das personagens que não têm lugar no Mundo, imprimimos neste livro desprezível história de homens que, sujeitos a todas as vicissitudes provenientes da sua própria condição, transitam de uma banda a outra dos oceanos, na mira de poderem também, um dia saborear aqueles frutos de ouro que outros homens, muitas vezes sem esforço maior, colhem às mãos cheias (25 ed., s/d).

Também no “Pórtico” de *A Selva*, o escritor expõe as suas razões de escrever a obra, documentando um drama que era ausente da literatura de até então e que se refere aos envolvidos na extração da borracha:

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazônica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anônimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência (“Pórtico”).

Enquadrados na literatura dos anos trinta, esses romances de Ferreira de Castro abrangem o tema da exclusão social em sua relação com o meio e com a própria experiência pessoal. No entanto, diferentemente da literatura que se consolidaria em Portugal, na década de quarenta, denominada neo-realista, tanto em *Emigrantes* quanto n' *A Selva*, os personagens e seus percursos escapam a uma confrontação de forças dualistas radicais do bem e do mal. Com isso, não pretendo dizer que as oposições não circulem nas obras do escritor. Como já disse, os antagonismos estão ali presentes, mas na medida exata com que se interpenetram começam a revelar uma estrutura narrativa mais complicada e admirável.

Contrastes

Se, nos caminhos fluviais até o “Paraíso” a exuberância da selva contrasta, aos olhos de Alberto, com as condições do convés do navio, imundo e úmido, aos olhos do leitor, vai-se delineando a parcialidade do seu olhar. No início da viagem, o narrador descreve a selva, apontando a incapacidade de Alberto de compreender a exuberância da trama vegetal:

eram miríades de variedades, roubando-se mutuamente o caráter, confundia-se, fraternizando em abracadabrante luxúria vegetal, [mas] os olhos leigos de Alberto só etiquetavam as palmeiras, de diversas espécies e alturas, que abriam aqui e ali, entre a ramagem da vizinhança, o seu grande leque (p.49).

O seu olhar é ignorante daquilo que vê e ele só pode identificar alguns fragmentos da floresta. A fraternização luxuriante da mata opõe-se à individuação da personagem marcada subjetivamente pela intolerância à igualdade de condições com os nordestinos que também seguiam viagem.

A sua epiderme contraía-se sob a força do asco que o convés imundo lhe causava. Sentia-se inadaptado, estranho ali, quase inimigo das vidas que o cercavam, aparentemente alheias a tudo quanto não fossem imposições do corpo e aderindo, resignadas, a todas as contingências. Magoava-o a facilidade com que os outros recrutados dormiam tranquilamente – um sono que era, para o egoísmo dele, quase uma afronta.

E sorria, depreciativamente, ao pensar no apostolado da democracia, nos defensores da igualdade humana, que ele combatera e haviam atirado para o exílio. “Retóricos, retóricos perniciosos! Queria vê-los ali, ao seu lado, para lhes perguntar se era com aquela humanidade primária que pretendiam restaurar o mundo” (p.47).

Caracterizando ainda mais o seu orgulho, no trajeto que vai de Belém do Pará ao “Paraíso”, Alberto passa por locais cuja toponímia evidencia a presença histórica dos portugueses, manifestando uma “íntima vingança contra a indiferença dos cearenses” (p. 50), creditando a si próprio a condição de civilizado e herói por conta de feitos dos ancestrais. A sua inadaptação impele-o a abrigar-se em delirante projeção do tempo passado, evocando as históricas viagens de exploração. Nesse sentido, a selva aparece em seus elementos simbólicos, ruínas da “busadia portuguesa” que se vão ocultando vagarosamente, ao longo dos anos, pelas forças da natureza. São os restos de um forte, a artilharia desfeita, a alimentar o seu imaginário. Essa mistura de realidade e irreabilidade aproxima-se bastante daquilo que Eduardo Lourenço³ viria a chamar de falsa imagem que os portugueses têm de si próprios devido à coexistência de um complexo de superioridade e de inferioridade. Para este crítico, dos Descobrimentos à Revolução dos Cravos, Portugal tem ficcionalizado o seu destino a partir das imagens de pequeno reino cristão dono de um imenso Império e de país periférico, cauda da Europa. Segundo o desenvolvimento da sua análise, o Brasil, como parte integrante do Império Português, cumpriu um papel de refúgio. Da utopia de um Quinto Império, às construções barrocas, passando pelo ouro de Minas Gerais, à transferência da família real, em 1807, foi este um lugar eleito para a derivação do destino português e afirmação da sua vocação atlântica.

A viagem de Alberto ao “Paraíso” bem longe de estruturar-se como refúgio, atualizando mítico(s) destino(s), vai desestruturando os valores que dão sustentação a esse olhar “civilizado”,

³ Ver o pensamento que Eduardo Lourenço estrutura a partir de “Psicanálise mítica do destino português”, in: *O Labirinto da Saudade*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978, p. 19-68, desenvolvendo-o em “Portugal como Destino”, in: *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*. Lisboa: Gradiva, 1999, p. 9-83.

superior. Através desse percurso, Ferreira de Castro ativa a natureza imaginária que incide sobre os movimentos migratórios de Portugal para o Brasil, desconstruindo esses míticos valores que percorrem as relações luso-brasileiras⁴.

A chegada ao seringal reverte a crença de uma distinção positiva em negativa porque ser português, naquele local, significa não ter habilidade para extrair seringa, preconceito confirmado posteriormente pela imperícia de Alberto. Instalando-se precariamente na sua barraca, a selva toma outras proporções. Através do seu olhar, toda a tristeza e opressão estão transfiguradas no meio ambiente que a tudo domina e que ele enxerga em contraste com as paisagens européias.

Adivinhava-se a luta desesperada de caules e ramos, ali onde dificilmente se encontrava um palmo de chão que não alimentasse vida triunfante. A selva dominava tudo. Não era o segundo reino, era o primeiro em força e categoria, tudo abandonando a um plano secundário. E o homem, simples transeunte no flanco do enigma, via-se obrigado a entregar o seu destino àquele despotismo. O animal esfrangalhava-se no império vegetal e, para ter alguma voz na solidão reinante, forçoso se lhe tornava vestir pele de fera. A árvore solitária, que borda melancolicamente campos e regatos na Europa, perdia ali a sua graça e romântica sugestão e, surgindo em brenha inquietante, impunha-se como um inimigo. Dir-se-ia que a selva tinha, como os monstros fabulosos, mil olhos ameaçadores, que espiavam de todos os lados. Nada a assemelhava às últimas florestas do velho mundo, onde o seu espírito busca enlevo e o corpo frescura; assustava com o seu segredo, com o seu mistério flutuante e as suas eternas sombras, que davam às pernas anseio de fuga (p.104).

O estranhamento de Alberto vai se tornando cada vez mais agudo. Sentindo-se ridículo, sem roupas adequadas, incapaz de decifrar o ambiente, passa a ser guiado por Firmino, personagem que demonstra o cultivo da arte da sobrevivência. É Firmino quem guia Alberto pela mata fechada e quem lhe ensina sobre a flora e a fauna, repercute a sapopema, mostrando-lhe o que fazer em caso de perder-se, alerta para o perigo de um confronto com os índios parintintins,

⁴ *Emigrantes, A Selva e O Instinto Supremo* são os romances de Ferreira de Castro que pertencem, de acordo com Óscar Lopes, ao ciclo da emigração. Já em *Emigrantes*, desmitifica o Brasil como local de enriquecimento fácil, desconstruindo a imagem do “brasileiro” que habitava os romances do século XIX e frutificava no imaginário português.

ensina-lhe a extrair a borracha, a caçar, a pescar o cascudo, o tambaqui. A partir dos diálogos e cumplicidades que se estabelecem entre as duas personagens, amplia-se consideravelmente a visibilidade do mundo da floresta. Separado dos outros homens, horrorizado com a cena de zoofilia que presencia, Alberto não consegue perceber que ali as condutas não poderiam reger-se pelas suas regras, pelos seus valores. Nas cenas que mais o contrariam, imagina-se logo em um tribunal, como promotor, condenando o réu através de um discurso veemente. No entanto, com o passar do tempo nesse mundo fechado, que era interdito às mulheres e cheio de privações, Alberto vai se transformando física e moralmente. À medida que ele sofre, passa a perceber, de maneira mais próxima, o sofrimento dos outros..

A pensar nas bravas gentes, Alberto enternecia-se e agora compreendia-as melhor. Já eram outras para ele, assim vestidas com farrapos dramáticos que a Europa ignorava. As imensidades nevadas e as areias dos desertos haviam já florido em muitos jardins literários. Desconhecia-se, porém, o drama do Ceará, que a todos ultrapassava (p.158).

Através da transmutação de Alberto, Ferreira de Castro traça uma perspectiva de conduta de solidariedade. Segundo Rorty (citado em JELIN, Elizabeth, 1986, p.17), estas parecem residir exatamente nos princípios de uma responsabilidade perante o sofrimento do outro e implicam:

a capacidade de perceber cada vez com maior clareza que as diferenças tradicionais (de tribo, de religião, de raça, de costumes e as outras da mesma espécie) carecem de importância quando comparadas com as semelhanças referentes à dor e à humilhação; ela é concebida então como a capacidade de considerar pessoas muito diferentes de nós como incluídas na categoria de “nós”.

A probabilidade de condutas solidárias percorre diferentes conflitos na trama de Ferreira de Castro e correspondem a diferentes relações entre responsabilidade e culpa. Alberto, Firmino, Juca Tristão, dono do seringal, e Tiago, ex-escravo, são personagens pelas quais é ativada a luta por relações mais justas. No fim do conhecido ciclo da borracha, o drama dos nordestinos que

fugiam da seca e migravam para os seringais, procurando um futuro melhor e definido por Alberto como “a troca da terra que mata por falta de água, pela terra que matava por ter água em excesso” (p. 159), sugere um mapa de violências e sofrimentos.

Responsável pela contabilidade do “Paraíso”, justamente por causa da sua imperícia em extrair borracha, Alberto tem acesso aos números que dão visibilidade a todas as suas suspeitas de injustiça e que não permitiam a sua isenção, nem lhe traziam paz. A vida, que aparentemente parecia mais amena, na nova ocupação, passa por tentações de diferentes ordens: a do despertar da luxúria com o obsedante desejo por D. Yayá – esposa do gerente do seringal, Seu Guerreiro, que Alberto muito admira – medindo os seus critérios morais; e a de ajudar Firmino em sua fuga, medindo os limites da sua conformidade e obediência às ordens arbitrárias do seringal. É significativo que, mesmo saldando a sua dívida, com o auxílio da mãe e do próprio Juca Tristão, o protagonista de *A Selva* tenha resolvido quebrar as normas, ajudando Firmino a conseguir a lima necessária à fuga, pondo em risco a sua própria partida.

A fuga de Firmino e que se tornaria também a de Manduca, Romualdo, Aniceto e Dico, fracassada porque detida por outros seringueiros, põe fim aos determinismos causais de estilo aristocrático que pontuam a personalidade de Alberto. O castigo dos seringueiros fugitivos é o clímax da opressão do “Paraíso”, levando a um surpreendente desfecho, com Tiago assumindo a culpa pelo incêndio e pela morte de Juca Tristão. Tiago justifica-se, afirmando que Juca Tristão estava a escravizar os seringueiros, que ele tinha se desviado...

Incapaz de tecer as antigas projeções mentais como se fosse um promotor, o percurso da personagem Alberto aponta para o desapego da fixidez como base da moralidade. Talvez, em um local no qual o terror e o medo são lei, desviar-se das regras seja a maneira mais eficaz de se ter responsabilidade e cuidado com o outro.

Ressonâncias da sapopema

Este trabalho procurou mostrar a importância da experiência comunicativa como um intrincado processo de abertura ao *outro*. O caminho de Alberto, personagem de *A Selva*, revela a desestruturação de critérios morais baseados em pressupostos maniqueístas e a sua conseqüente reversão em uma busca de cuidado e responsabilidade com o próximo. A solidão e as dificuldades que os seringueiros enfrentaram, expostas nessa obra dos anos 30, repercutiram, ainda nos anos 80, nas palavras do seringueiro e ambientalista Chico Mendes. Hoje, pode parecer estranho aquele imenso poder do seringalista Juca Tristão. O seringueiro passou a ser uma identidade cultural reconhecida pela ONU mas a selva continua sendo local de confrontos e mortes.

Na atual proliferação de opiniões acerca do futuro da Amazônia, *A Selva*, de Ferreira de Castro, ressoa como a sapopema. Ao perder-se, explicou Firmino a Alberto, é só bater na árvore, que ela ressoa, permitindo que outros possam vir em auxílio. A sua obra clama ainda hoje pela solidariedade entre os homens. Mas é também na sapopema dessa selva que se esconde o perigo, que o índio se oculta. Nesse romance, o índio é apenas uma ameaça ao seringueiro, esboçando-se superficialmente o projeto de pacificação de Rondon. Ressonâncias que se vão manifestar outras tensões, em *O Instinto Supremo*, publicado em 1968. Ressonâncias que implicam futuras apreciações...

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: editora Brasiliense, 6. edição, 1993.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CASTRO, Ferreira. *A Selva*. Ilustrada por Cândido Portinari. 34. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1982.

_____. *Emigrantes*. Lisboa: Guimarães Editores, 25. ed., s/d.

_____. *O Instinto Supremo*. Lisboa: Guimarães Editores, 6. ed, 1988.

FRITSCH, Teresa Cristina Córdova Guimarães. “Parintins é Noçokén?”. In: *Revista Parintins: cultura e folclore*, n.1, junho de 2000.

JACKSON, K. David. *Os construtores dos Oceanos*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1997.

JELIN, Elizabeth. “Cidadania e alteridade: o reconhecimento da pluralidade”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, 1996.

LOURENÇO, Eduardo. *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*. Lisboa: Gradiva, 1999.

_____. *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

RORTY, Richard. “On ethocentrism: a reply to Clifford Geertz”. *Michigan Quaterly Review*, n. 25, 1986.